As galochas da fortuna

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

I. Um começo.

Todo escritor tem algo de peculiar em seu modo de escrever e apresentar as coisas; os que não gostam dele logo apontam isso, dão de ombros e dizem: “Lá vem ele outra vez!” Sei muito bem como provocar esse movimento e essa exclamação. Isso acontecerá assim que eu começar aqui do modo como pensei, a saber: Roma tem seu Corso, Nápoles tem sua Toledo — lá vem Andersen outra vez, dizem eles, mas preciso continuar mesmo assim —, Copenhague tem sua Østergade. É nela que ficaremos. Numa das casas, não longe de Kongens Nytorv, havia sido convidado um grupo de pessoas, um grupo muito numeroso, para, como fazem muitos, obter bilhetes de assinatura para os convites recíprocos dos outros. Metade dos convidados já estava sentada às mesas de jogo; a outra metade esperava o resultado da frase da dona da casa: “Bem, agora precisamos ver se inventamos alguma coisa!” Assim estavam as coisas, e a conversa começou a se cristalizar como podia. Entre outros assuntos, falou-se também da Idade Média. Alguns a consideravam muito mais interessante do que o nosso tempo; o conselheiro de justiça Knap defendia essa opinião com tanto ardor que a dona da casa logo passou para o seu partido, e os dois se exaltaram contra o ensaio de Ørsted no almanaque sobre os tempos antigos e os novos, em que a nossa época é posta, no essencial, acima das outras. O conselheiro considerava o tempo do rei Hans o mais nobre e feliz.

Enquanto isso servia de assunto à conversa, interrompida apenas por um instante pela chegada de um jornal que não continha nada digno de leitura, vamos até a antecâmara, onde ficavam os agasalhos, as bengalas e as galochas. Ali estavam sentadas duas moças, uma jovem e outra velha. Poderíamos pensar que tinham vindo para acompanhar suas senhoras de volta para casa, mas, olhando-as com mais atenção, logo se percebia que não eram simples criadas: suas formas eram nobres demais, a pele fina demais e o corte das roupas ousado demais. Eram duas fadas. A mais jovem não era propriamente a Fortuna, mas uma das criadas das damas de companhia dela, que levam por aí os menores presentes da Fortuna; a mais velha tinha um aspecto um tanto sombrio: era a Tristeza, que sempre vai em sua própria e elevada pessoa cumprir suas incumbências, pois assim sabe que serão bem executadas.

Contaram uma à outra onde tinham estado naquele dia. A emissária da Fortuna só havia cumprido algumas incumbências insignificantes, como salvar um chapéu novo de um aguaceiro, conseguir para um homem honesto o cumprimento de um zero de posição elevada, e assim por diante; mas o que ainda lhe restava era algo absolutamente extraordinário.

“Preciso contar”, disse ela, “que hoje é meu aniversário e que, em sua honra, me foi confiado um par de galochas que devo levar à humanidade. Essas galochas têm a propriedade de fazer qualquer pessoa que as calce estar imediatamente no lugar ou no tempo em que mais deseja estar. Qualquer desejo relativo a tempo, lugar ou modo de ser é logo atendido, e assim o ser humano finalmente se torna feliz neste mundo!”

“Sim, pode acreditar!”, disse a Tristeza. “Ele ficará muito infeliz e abençoará o instante em que se vir novamente livre das galochas!”

“O que você está querendo dizer?”, disse a outra. “Vou deixá-las aqui junto à porta; alguém as pegará por engano e será o felizardo!”

Pois foi essa a conversa.

II. O que aconteceu ao conselheiro de justiça.

Era tarde. O conselheiro de justiça Knap, mergulhado no tempo do rei Hans, queria ir para casa, e o destino fez com que, em vez das próprias galochas, calçasse as da Fortuna e saísse para a Østergade. Mas, pela magia das galochas, tinha voltado ao tempo do rei Hans e, por isso, pôs o pé diretamente no lodo e na lama da rua, pois naquela época ainda não havia calçamento.

“É terrível como tudo está enlameado!”, disse o conselheiro. “A calçada inteira desapareceu, e todas as lanternas estão apagadas!”

A lua ainda não tinha subido o bastante; além disso, o ar estava muito carregado, de modo que, naquela escuridão, os objetos ao redor se confundiam uns com os outros. Na esquina mais próxima havia uma lanterna pendurada diante de uma imagem de Nossa Senhora, mas a iluminação era quase nenhuma. Ele só a notou quando ficou bem debaixo dela e seus olhos se voltaram para a pintura da Mãe com o Menino.

“Deve ser”, pensou, “um gabinete de curiosidades artísticas onde se esqueceram de recolher a tabuleta!”

Duas pessoas com trajes daquela época passaram por ele.

“Que aparência era aquela! Devem estar voltando de um baile de máscaras!”

De repente soaram tambores e pífaros, e brilharam grandes tochas. O conselheiro parou e viu passar um estranho cortejo. À frente vinha toda uma

tropa de tamborileiros, que manejavam muito bem seus instrumentos, seguida por guardas com arcos e bestas. A pessoa mais importante do cortejo era um eclesiástico. Espantado, o conselheiro perguntou o que aquilo significava e quem era aquele homem.

“É o bispo da Zelândia!”, responderam.

“Meu Deus, o que deu no bispo?”, suspirou o conselheiro, sacudindo a cabeça. Não podia ser o bispo. Pensando nisso, sem olhar para a direita nem para a esquerda, atravessou a Østergade e a Høibroplads. Não encontrou a ponte que levava à praça do palácio; distinguiu uma margem baixa e acabou encontrando dois homens que estavam ali com um barco.

“O senhor quer atravessar para Holmen?”, perguntaram.

“Para Holmen?”, disse o conselheiro, que não sabia em que época estava andando. “Quero ir para Christianshavn, na pequena Torvegade!”

Os homens olharam para ele.

“Digam apenas onde está a ponte!”, disse. “É uma vergonha não haver uma lanterna acesa; e essa lama, como se estivéssemos andando num pântano!”

Quanto mais conversava com os barqueiros, menos os entendia.

“Não entendo esse dialeto de Bornholm!”, disse por fim, zangado, dando-lhes as costas. Não conseguia encontrar a ponte; também não havia parapeito! “É um escândalo o estado deste lugar!”, disse. Nunca achara sua época tão miserável como naquela noite. “Acho que vou tomar um carro de aluguel!”, pensou. Mas onde estavam os carros? Não havia nenhum à vista. “Preciso voltar a Kongens Nytorv; lá deve haver carruagens, senão nunca chegarei a Christianshavn!”

Voltou então à Østergade e estava quase no fim da rua quando a lua apareceu.

“Meu Deus, que armação é essa que montaram aqui!”, exclamou ao ver Østerport, que naquele tempo ficava no fim da Østergade.

Entretanto, encontrou uma portinhola e por ela saiu para a nossa Nytorv, mas ali havia um grande terreno de prado. Alguns arbustos se erguiam, e um largo canal ou curso d’água atravessava o campo. Na margem oposta ficavam umas pobres barracas de madeira dos capitães holandeses, dos quais o lugar recebera o nome de Hallandsaas.

“Ou estou vendo uma fata morgana ou estou bêbado!”, lamentou o conselheiro. “Mas o que é isto? O que é isto?”

Tornou a voltar, firmemente convencido de que estava doente. Ao entrar na rua, examinou as casas com mais cuidado: a maioria era de enxaimel, e muitas tinham apenas telhados de palha.

“Não, não estou nada bem!”, suspirou. “E só bebi um copo de ponche! Mas não tolero essa bebida! Também foi um grande erro nos servirem ponche e salmão quente! Vou dizer isso à senhora do agente! Será que devo voltar e contar como estou me sentindo? Mas é tão constrangedor! E será que ainda estarão acordados?”

Procurou a casa, mas não conseguiu encontrá-la.

“É terrível! Não reconheço a Østergade! Não há uma única loja! Só vejo casebres velhos e miseráveis, como se estivesse em Roeskilde ou Ringsted! Ah, estou doente! Não adianta ficar sem jeito! Mas onde, neste mundo, fica a casa do agente? Já não é a mesma! No entanto, há gente acordada ali dentro; ah, com certeza estou doente!”

Encontrou então uma porta entreaberta, por cuja fresta saía luz. Era uma das hospedarias daquele tempo, uma espécie de cervejaria. A sala parecia os grandes salões das casas de Holstein. Algumas boas pessoas, entre capitães de navio, cidadãos de Copenhague e dois homens de estudo, conversavam profundamente diante de suas canecas e prestaram pouca atenção a quem entrava.

“Perdoe-me”, disse o conselheiro à estalajadeira que veio recebê-lo, “estou me sentindo terrivelmente mal! Poderia conseguir um carro de aluguel para me levar a Christianshavn?”

A mulher olhou para ele e sacudiu a cabeça; depois falou em alemão. O conselheiro concluiu que ela não sabia dinamarquês e, por isso, fez o pedido em alemão. Isso, somado aos seus trajes, confirmou à mulher que ele era estrangeiro. Logo percebeu que estava passando mal e lhe trouxe uma caneca de água, um tanto salobra, é verdade, tirada do poço lá fora.

O conselheiro apoiou a cabeça na mão, respirou fundo e meditou sobre todas aquelas coisas estranhas ao redor.

“Esse é o ‘Dagen’ desta noite?”, perguntou mecanicamente, ao ver a mulher deslocar uma grande folha de papel.

Ela não entendeu o que ele queria dizer, mas lhe entregou a folha: era uma xilogravura que mostrava uma aparição no céu, vista na cidade de Colônia.

“É muito antiga!”, disse o conselheiro, animando-se com aquela antiguidade. “Onde a senhora conseguiu essa folha tão rara? É muito interessante, embora tudo não passe de uma fábula! Essas aparições no céu se explicam pela aurora boreal que viram; provavelmente são produzidas pela eletricidade!”

Os que estavam mais perto e o ouviram olharam para ele com espanto. Um deles se levantou, tirou respeitosamente o chapéu e disse, com a maior seriedade:

“O senhor deve ser um homem muito erudito, monsieur!”

“Oh, não!”, respondeu o conselheiro. “Posso conversar sobre uma coisa ou outra, como se deve saber fazer!”

“Modestia é uma bela virtude!”, disse o homem. “Quanto ao que dissestes, porém, devo dizer: mihi secus videtur; mas de bom grado suspendo aqui meu Judicium!”

“Posso perguntar com quem tenho o prazer de falar?”, perguntou o conselheiro.

“Sou bacharel nas Sagradas Escrituras?”, respondeu o homem.

A resposta satisfez o conselheiro; o título combinava com a roupa. Deve ser, pensou, um velho mestre-escola de aldeia, um sujeito original desses que ainda se encontram às vezes lá na Jutlândia.

“Não será este um locus docendi”, começou o homem, “mas peço que vos deis ao trabalho de falar! Certamente tendes grandes leituras dos antigos!”

“Oh, sim, sem dúvida!”, respondeu o conselheiro. “Gosto de ler escritos antigos e úteis, mas também gosto dos mais novos, só não das ‘Histórias do cotidiano’: dessas já temos o bastante na realidade!”

“Histórias do cotidiano?”, perguntou nosso bacharel.

“Sim, quero dizer esses romances novos que há por aí.”

“Oh”, sorriu o homem, “mas há neles grande engenho, e são lidos na corte. O rei gosta especialmente do romance do senhor Iffven e do senhor Gaudian, que trata do rei Artus e de seus campeões à Távola Redonda; ele até gracejou a respeito com seus altos senhores!” *)

*) Holberg conta, em sua História do Reino da Dinamarca, que o rei Hans, certo dia, depois de ler o romance do rei Artus, gracejou com o conhecido Otto Rud, de quem gostava muito: “O senhor Ivent e o senhor Gaudian que encontro neste livro foram cavaleiros extraordinários; hoje em dia já não se encontram cavaleiros assim!” Ao que Otto Rud respondeu: “Se houvesse campeões como o rei Artus, certamente também se encontrariam muitos cavaleiros como o senhor Ivent e o senhor Gaudian!”

“Sim, esse ainda não li!”, disse o conselheiro. “Deve ser um bem novo que Heiberg publicou!”

“Não”, respondeu o homem, “não foi publicado por Heiberg, mas por Godfred von Gehmen!”

“Então esse é o autor!”, disse o conselheiro. “É um nome muito antigo! Não foi o primeiro impressor que houve na Dinamarca?”

“Sim, é o nosso primeiro impressor!”, disse o homem. Assim, tudo ia muito bem. Então um dos bons cidadãos falou da grande pestilência que assolara a cidade alguns anos antes, referindo-se à de 1484; o conselheiro supôs que falavam da cólera, e a conversa correu muito bem. A guerra dos corsários de 1490 estava tão próxima que precisava ser mencionada: os corsários ingleses tinham tomado os navios na enseada, disseram. E o conselheiro, que vivera intensamente os acontecimentos de 1801, acompanhou-os à perfeição contra os ingleses. O resto da conversa, porém, não foi tão bem. A todo instante, ambos assumiam um tom de agente funerário; o bom bacharel era ignorante

demais, e as observações mais simples do conselheiro lhe pareciam, por sua vez, ousadas e fantasiosas demais. Olhavam um para o outro, e, quando a coisa piorava muito, o bacharel falava latim, esperando ser mais bem compreendido, mas isso não adiantava.

“Como está o senhor?”, perguntou a estalajadeira, puxando o conselheiro pela manga. Ele recobrou a consciência do que o cercava: no decorrer da conversa, tinha esquecido por completo tudo o que acontecera antes.

“Meu Deus, onde estou!”, disse, e ficou tonto só de pensar nisso.

“Vamos beber clarete! Hidromel e cerveja de Bremen!”, gritou um dos hóspedes. “E vós haveis de beber conosco!”

Entraram duas moças; uma delas usava duas cores na touca. Serviram a bebida e fizeram reverências. Um frio de gelo desceu pelas costas do conselheiro.

“Mas o que é isto? O que é isto?”, disse. Porém teve de beber com eles. Agarraram o bom homem com bastante firmeza, e ele ficou desesperado. Quando um deles disse que estava bêbado, não duvidou nem um pouco das palavras do homem; pediu apenas que lhe arranjassem um carro de aluguel, e então pensaram que estava falando moscovita.

Nunca estivera numa companhia tão grosseira e vulgar. Poderíamos pensar que o país tinha voltado ao paganismo, achava ele. “É o momento mais horrível da minha vida!” Mas, naquele instante, teve a ideia de se abaixar debaixo da mesa e rastejar até a porta. Foi o que fez; porém, quando estava na saída, os outros perceberam sua intenção e o agarraram pelas pernas. Então, para sua boa sorte, as galochas saíram e, com elas, toda a magia.

O conselheiro viu com toda a clareza uma lanterna brilhante acesa à sua frente e, atrás dela, uma grande casa. Tudo parecia conhecido e magnífico: era a

Østergade como a conhecemos. Ele estava deitado com as pernas voltadas para um portão e, bem em frente, o vigia estava sentado, dormindo.

“Meu Criador, fiquei deitado aqui na rua sonhando!”, disse. “Sim, é a Østergade! Como é maravilhosamente iluminada e variada! É terrível o efeito que aquele copo de ponche deve ter feito em mim!”

Dois minutos depois estava num carro de aluguel que o levava a Christianshavn. Pensava no medo e na aflição por que passara e louvava de coração a feliz realidade, o nosso tempo, que, apesar de todas as suas falhas, era muito melhor do que aquele em que acabara de estar.

III. As aventuras do vigia.

“Olhem, um par de galochas!”, disse o vigia. “Devem ser do tenente que mora lá em cima. Estão bem junto ao portão!”

O homem honesto teria tocado a campainha de bom grado e as entregado, pois ainda havia luz, mas não queria acordar os outros moradores da casa e por isso deixou de fazê-lo.

“Deve ser bem quentinho usar um par dessas coisas!”, disse. “O couro é tão macio!” Elas se ajustaram aos seus pés. “Como o mundo é engraçado! Ele poderia ir para sua boa cama, mas vejam se vai! Fica andando de um lado para o outro! É um homem feliz! Não tem nem a patroa nem a criançada! Todas as noites está em alguma reunião. Quem me dera ser ele; aí, sim, eu seria um homem feliz!”

Assim que pronunciou o desejo, as galochas que calçara fizeram efeito, e o vigia passou à essência e à existência do tenente. Lá estava ele no quarto, segurando entre os dedos um pequeno papel cor-de-rosa em que havia um

poema, um poema do próprio senhor tenente. Pois quem nunca teve um momento lírico na vida? E, se então escreve o pensamento, tem poesia. Ali estava escrito:

“Quem me dera ser rico!”

“Quem me dera ser rico!”, pedi tantas vezes,
Quando ainda mal media um côvado.
Quem me dera ser rico! Então seria oficial,
Teria um sabre, uniforme e pluma.
Veio, porém, o tempo em que me tornei oficial,
Mas nunca fui rico, infelizmente!
Nosso Senhor me ajudou!

Jovem e alegre, eu estava sentado certa noite;
Uma menina de sete anos beijou minha boca,
Pois eu era rico em lendas e contos,
Mas em dinheiro era um pobre rapaz.
À criança, porém, só importavam os contos;
Então eu era rico, mas não em ouro, infelizmente,
Nosso Senhor bem o sabe!

“Quem me dera ser rico!” ainda é minha oração a Deus.
Agora aquela menina de sete anos já cresceu,
É tão bonita, tão inteligente, tão bondosa!
Se compreendesse o conto do meu coração,
Se ela, como antes — quero dizer, me quisesse bem!
Mas sou pobre e por isso me calo, infelizmente;
Assim quer Nosso Senhor!

Quem me dera ser rico em consolo e sossego!
Minha tristeza não viria então para o papel!
Tu, a quem amo, se me compreendes,
Lê isto como um poema dos anos de juventude!
Melhor seria, porém, que não compreendesses:
Sou pobre, meu futuro é sombrio, infelizmente;
Nosso Senhor há de te abençoar!

Sim, são esses os poemas que se escrevem quando se está apaixonado, mas um homem sensato não os manda imprimir. Aqui se exprimiu para nós uma das dores da vida em que há poesia, não aquela dor estéril que o poeta só ousa indicar, sem descrever: a penúria, a necessidade animal de agarrar, se não uma bolota, ao menos uma folha caída da árvore-do-pão. Quanto mais elevada é a posição que se ocupa na vida, maior se torna o sofrimento. A penúria é o lodo parado da vida; nenhuma imagem de beleza se reflete nele. Queremos apenas apontar a pobre borboleta presa pela asa. Tenente, amor e penúria: eis um triângulo, ou, o que dá no mesmo, a metade do dado quebrado da Fortuna. O tenente sentia isso vivamente; por isso encostou a cabeça ao peitoril da janela e suspirou muito fundo:

“O pobre vigia lá na rua é muito mais feliz do que eu! Não conhece o que chamo de falta! Tem um lar, uma mulher e filhos que choram com suas tristezas e se alegram com suas alegrias! Oh, eu seria mais feliz do que sou se pudesse passar à essência e à existência dele, atravessar esta vida com suas exigências e suas esperanças! Sim, ele é mais feliz do que eu!”

No mesmo instante o vigia voltou a ser vigia, pois fora pelas galochas da Fortuna que passara à essência e à existência do tenente; mas ali, como vimos, sentira-se ainda muito menos satisfeito e preferira justamente o que ele próprio acabava de rejeitar. Portanto, o vigia era novamente vigia.

“Foi um sonho horrível!”, disse. “Mas bem engraçado. Parecia que eu era o tenente lá de cima, e não havia graça nenhuma nisso. Senti falta da patroa e da criançada, que quase me arrancam os olhos de tanto me beijarem!”

Estava sentado outra vez, cochilando; o sonho não lhe saía dos pensamentos, e ainda tinha as galochas nos pés. Uma estrela cadente passou pelo céu.

“Lá se foi ela!”, disse. “Ainda há estrelas de sobra! Eu bem gostaria de ver essas coisas mais de perto, sobretudo a lua, pois essa não desaparece entre as mãos. Quando morremos, disse o estudante para quem minha mulher lava a roupa grossa, voamos de uma para outra. É mentira, mas até que seria divertido. Quem me dera dar um pequeno salto até lá; o corpo poderia muito bem ficar aqui na escada!”

Vejam: há certas coisas neste mundo que precisamos ter muito cuidado ao dizer, e cuidado dobrado especialmente quando temos as galochas da Fortuna nos pés. Ouçam só o que aconteceu ao vigia.

Quanto a nós, quase todos conhecemos a velocidade do vapor: já a experimentamos nas ferrovias ou num navio sobre o mar. Esse voo, porém, é como o caminhar da preguiça ou a marcha do caracol em comparação com a velocidade da luz. Ela voa dezenove milhões de vezes mais depressa que o melhor cavalo de corrida, e a eletricidade é ainda mais rápida. A morte é um choque elétrico que recebemos no coração; nas asas da eletricidade voa a alma liberta. A luz do sol leva oito minutos e alguns segundos numa viagem de mais de vinte milhões de milhas; com o correio expresso da eletricidade, a alma precisa de menos minutos para fazer o mesmo voo. Para ela, o espaço entre os astros não é maior do que, para nós, a distância entre as casas de nossos amigos numa mesma cidade, ainda que fiquem bastante afastadas umas das outras. Entretanto, esse choque elétrico no coração nos custa o uso do

corpo aqui embaixo, a menos que, como o vigia, tenhamos calçado as galochas da Fortuna.

Em poucos segundos o vigia percorreu as cinquenta e duas mil milhas até a lua, que, como se sabe, é feita de uma matéria muito mais leve que a da nossa Terra e é o que chamaríamos de macia, como neve recém-caída. Estava numa das incontáveis montanhas circulares que conhecemos pelo grande mapa da lua do doutor Mädler. Por dentro, ela descia numa cratera, verticalmente, cerca de uma milha dinamarquesa. Lá embaixo havia uma cidade cuja aparência só podemos imaginar deitando clara de ovo num copo d'água: a matéria era igualmente macia e formava torres semelhantes, com cúpulas e balcões em forma de velas de navio, transparentes, oscilando no ar rarefeito. Nossa Terra pairava sobre sua cabeça como uma grande esfera vermelho-escura.

Logo percebeu uma multidão de criaturas que deviam ser o que chamaríamos de pessoas, mas tinham uma aparência muito diferente da nossa. Uma imaginação muito mais rica que a do pseudo-Herschel as criara; se fossem dispostas em fileira e assim retratadas, diríamos: que belo arabesco! Também tinham uma língua. Ninguém poderia exigir que a alma do vigia a entendesse, mas entendia: nossa alma tem capacidades muito maiores do que pensamos. Não nos mostra nos sonhos seu espantoso talento dramático? Cada conhecido aparece ali falando, tão fiel ao próprio caráter e com a mesma voz que nenhum de nós, acordado, consegue imitá-lo. E como sabe trazer de volta pessoas em quem não pensamos há muitos anos! De repente surgem nos nossos sonhos, tão vivas até nos traços mais delicados. No fundo, essa memória da alma é inquietante: poderá repetir cada pecado e cada pensamento mau; então será preciso ver se podemos prestar contas de cada palavra indevida no coração e nos lábios.

Assim, a alma do vigia entendia muito bem a língua dos habitantes da lua. Eles discutiam sobre nossa Terra e duvidavam que pudesse ser habitada: o ar devia ser denso demais para que alguma criatura lunar sensata pudesse viver ali. Consideravam que só a lua era habitada; era o verdadeiro astro, onde moravam os antigos habitantes dos astros.

Também falavam de política, mas a pequena Dinamarca precisa ter cuidado para não ofender a lua, esse grande reino que pode se pôr em movimento, atirar pedras sobre nossas cabeças ou fazer o mar Báltico transbordar. Por isso não vamos ouvir nada do que disseram, para não corrermos o risco de dar com a língua nos dentes. Vamos descer até a Østergade e ver como está o corpo do vigia.

Estava sentado sem vida na escada; a maça de pontas caíra de sua mão, e os olhos olhavam para a lua, atrás da alma honesta que passeava lá em cima.

“Que horas são, vigia?”, perguntou um transeunte. Mas o vigia não respondeu. Deram-lhe então uma leve pancadinha no nariz, e lá se foi o equilíbrio: o corpo caiu estendido no chão. O homem estava morto. Todos os seus companheiros ficaram muito assustados. Morto estava e morto continuava; deram a notícia, falaram a respeito, e pela manhã levaram o corpo ao hospital.

Seria uma bela brincadeira para a alma se voltasse e, como era provável, procurasse o corpo na Østergade e não o encontrasse! Talvez fosse primeiro à delegacia, depois ao escritório de anúncios, para que o procurassem entre as coisas perdidas, e por fim ao hospital. Mas podemos nos consolar com o fato de que a alma é mais esperta quando está por sua própria conta; o corpo só a torna tola.

Como dissemos, o corpo do vigia chegou ao hospital e foi levado à sala de limpeza. A primeira coisa que fizeram ali foi, naturalmente, tirar-lhe as galochas; então a alma teve de voltar. Tomou logo a direção do corpo, e dois segundos depois havia vida no homem. Ele assegurou que fora a noite mais terrível da sua vida: nem por dois marcos queria voltar a ter tais sensações. Mas agora aquilo já passara.

Recebeu alta no mesmo dia; as galochas, porém, ficaram no hospital.

IV. Um momento capital. Um número de declamação. Uma viagem extraordinária.

Todo morador de Copenhague sabe como é a entrada do Hospital Frederiks, em Copenhague; mas, como provavelmente também alguns que não são de lá lerão este modesto escrito, precisamos dar uma breve descrição.

O hospital é separado da rua por uma grade bastante alta, cujas grossas barras de ferro ficam tão afastadas umas das outras que se conta que estudantes muito magros se espremeram entre elas e assim fizeram suas pequenas visitas lá fora. A parte do corpo mais difícil de fazer passar era a cabeça; aqui, como tantas vezes no mundo, as cabeças pequenas eram as mais felizes. Isso basta como introdução.

Um dos jovens voluntários, de quem só no sentido físico se poderia dizer que tinha uma cabeça grossa, estava de plantão naquela noite. Chovia a cântaros; apesar desses dois obstáculos, porém, precisava sair, só por um quarto de hora. Não achava que isso valesse a pena ser contado ao porteiro, quando era possível passar entre as barras de ferro. Ali estavam as galochas que o vigia esquecera. Não imaginava que fossem da Fortuna; poderiam ser muito úteis

com aquele tempo, e ele as calçou. Agora era ver se conseguiria passar pela grade; nunca tentara antes. Lá estava ele.

“Deus queira que minha cabeça já estivesse do lado de fora!”, disse. E imediatamente, embora fosse muito grossa e grande, ela deslizou fácil e felizmente para fora. Disso as galochas entendiam; mas agora o corpo também precisava sair, e ali ficou ele.

“Ui, sou gordo demais!”, disse. “Pensei que a cabeça fosse o pior! Não consigo passar.”

Quis então puxar depressa a cabeça de volta, mas não conseguiu. Podia mover o pescoço à vontade; era só. A primeira sensação foi de raiva; a segunda, a de que seu humor caía abaixo de zero. As galochas da Fortuna o tinham posto na mais terrível situação, e, infelizmente, não lhe ocorreu desejar ficar livre. Não: ele se debatia e não saía do lugar. A chuva caía forte, não havia uma pessoa na rua. Não alcançava a campainha do portão; como conseguiria se soltar? Previa que ficaria ali até de manhã. Então teriam de mandar chamar um ferreiro para serrar as barras, mas isso não seria tão rápido: toda a escola azul de meninos, bem em frente, sairia correndo; todo o Nyboder chegaria para vê-lo no pelourinho. Haveria uma aglomeração muito maior que a da agave gigante no ano anterior. “Ui! O sangue me sobe à cabeça, vou enlouquecer! Sim, estou enlouquecendo! Oh, quem me dera estar livre outra vez; então isso passaria!”

Pois devia ter dito isso um pouco antes. Assim que pronunciou o pensamento, a cabeça ficou livre, e ele correu para dentro, inteiramente transtornado com o susto em que as galochas da Fortuna o tinham metido.

Não devemos pensar que tudo terminou aí. Não: ainda fica pior.

A noite passou, e também o dia seguinte. Ninguém veio buscar as galochas.

À noite haveria um espetáculo de declamação no pequeno teatro da Kannikestræde. A casa estava apinhada; entre os números de declamação, foi apresentado um poema novo de H. C. Andersen. Como contamos com a especial boa vontade desse autor, podemos reproduzi-lo; será importante para o que vem depois. O título era:

Os óculos da tia.

A sabedoria de minha avó é conhecida;
Se fosse nos “tempos antigos”, certamente seria queimada.
Sabe tudo o que acontece, e muito mais:
Enxerga diretamente o ano seguinte,
Sim, até “quarenta”, o que não é pouco,
Mas nunca quer abrir a boca de verdade.
O que será que acontecerá no próximo ano?
Que coisa extraordinária? Sim, gostaria de ver
Meu próprio destino, o da arte, do país e do reino,
Mas minha avó quer que essas coisas não sejam ditas.
Então a importunei, e a coisa deu certo:
Primeiro se calou, depois ralhou um pouco,
Para mim era como pregar às paredes,
Pois sou o seu próprio xodó!
“Só desta vez vou satisfazer tua vontade”,
Começou ela, e me deu os seus óculos.
“Agora vai a um lugar à tua escolha,
A um lugar para onde acorram muitas boas pessoas;
Põe-te onde melhor possas observá-las
E olha a multidão através dos meus óculos.
Logo todos, podes acreditar na minha palavra,

Parecerão cartas de baralho postas na mesa;
Por elas poderás prever o que acontecerá!”
Agradeci e saí correndo, querendo ver.
Mas, pensei, onde será que vai mais gente?
À Langelinie? Lá se pega um resfriado.
À Østergade? Bah! Lá está tão enlameado!
Mas ao teatro? Seria ótimo;
Esse entretenimento noturno vem mesmo a calhar —
— Pois aqui estou! Apresento-me a mim mesmo.
Permitem que use os óculos da tia,
Só para ver — não vão embora!
Para ver se parecem cartas de baralho,
Pelas quais eu possa prever o que o tempo oferece?
— Tomo o seu silêncio como um sim;
Em agradecimento, também lhes revelarei o segredo.
Aqui todos participamos da partida.
Prevejo para os senhores, para mim, para o país e o reino;
Vamos ver o que as cartas podem dizer.

(Põe os óculos.)

Sim, está certo! Não, agora preciso rir!
Oh, quem me dera que pudessem subir aqui para ver!
Como há muitas cartas de figuras masculinas,
E damas de copas, fileiras inteiras!
Aquele preto ali, sim, são paus e espadas.
— Logo terei uma visão completa.
Vejo ali uma dama de espadas que, muito seriamente,
Volta seus pensamentos para o valete de ouros.
Oh, essa visão me deixa meio embriagado!

Há muito dinheiro destinado a esta casa
E estrangeiros do outro lado do mundo.
Mas não era isso que queríamos saber.
Sobre os estamentos? Vejamos! Sim, com o tempo!
Mas disso é que se deve ler depois;
Se eu der com a língua nos dentes, prejudico o jornal,
Não quero tirar da travessa o melhor pedaço.
E o teatro? Cada novidade? O gosto? O tom?
Não, quero ficar bem com a direção.
Meu próprio futuro? Sim, sabem, o que é nosso
Nos importa muitíssimo!
Vejo! Não posso dizer o que vejo,
Mas ouvirão falar assim que acontecer.
Quem será o mais feliz entre nós aqui?
O mais feliz? Será fácil encontrá-lo!
É justamente — não, isso pode constranger tão facilmente,
Sim, talvez entristeça várias pessoas!
Quem viverá mais? Aquela senhora, aquele senhor?
Não, dizer tal coisa é ainda muito pior!
Devo então prever sobre —? Não! Sobre? Não! Sobre? Não!
Sobre —? Sim, por fim nem eu mesmo sei;
Fico constrangido, é tão fácil ofender alguém:
Bem, vou ver o que acreditam e pensam
Que devo oferecer com toda a força da minha adivinhação.
Acreditam? Não, como disseram? Por toda parte
Acreditam que isto terminará em nada,
Sabem muito bem que só terão sons e tinidos.
Então me calo, estimadíssima reunião,
Devo partilhar a sua opinião!

O poema foi admiravelmente recitado, e o declamador fez grande sucesso. Entre os espectadores estava o voluntário do hospital, que parecia ter esquecido sua aventura da noite anterior. Tinha as galochas nos pés, pois ninguém as fora buscar e, como a rua estava enlameada, podiam lhe prestar bons serviços.

Gostara do início do poema e até achara feliz a ideia. Mas o fato de tudo, como o curso do Reno, acabar de maneira tão insignificante mostrava que o autor não tinha imaginação? Nele, o instinto fazia tudo. Havia ali uma oportunidade tão boa para dizer algo picante!

A ideia, porém, o ocupava. Bem gostaria de ter uns óculos assim; talvez, se fossem usados corretamente, permitissem enxergar diretamente o coração das pessoas. Isso seria mais interessante, pensava, do que ver o que aconteceria no ano seguinte, pois isso acabaríamos sabendo; a outra coisa, porém, nunca. "Imagino agora toda aquela fileira de senhores e senhoras no primeiro banco. Se pudéssemos olhar diretamente para dentro do peito deles, sim, deveria haver uma abertura, uma espécie de loja. Ah, como meus olhos visitariam lojas! Naquela senhora ali eu certamente encontraria uma grande loja de modas! Naquela outra, a loja está vazia, mas precisaria de limpeza; também haveria lojas sólidas! Ah, sim!", suspirou. "Conheço uma onde tudo é sólido, mas já existe um caixeiro; é a única coisa ruim em toda a loja! De uma e outra viriam vozes: 'Faça o favor de entrar!' Sim, quem me dera poder entrar, passear pelos corações como um pequeno pensamento delicado!"

Pois esse foi o sinal para as galochas. O voluntário inteiro encolheu, e começou uma viagem extraordinária por dentro dos corações da primeira fila de espectadores. O primeiro coração que atravessou era de uma senhora; mas logo pensou estar no instituto ortopédico, na sala onde ficam pendurados na parede os moldes de gesso dos membros deformados. A diferença era que, no

instituto, os moldes são tirados quando o paciente entra; ali no coração, porém, tinham sido tirados e guardados quando as boas pessoas tinham saído. Eram moldes das amigas, dos seus defeitos físicos e espirituais, conservados ali.

Logo estava em outro coração de mulher, que lhe pareceu uma grande e santa igreja. A pomba branca da inocência esvoaçava sobre o altar-mor. Como teria gostado de se ajoelhar! Mas precisava seguir depressa para o próximo coração. Ainda ouvia os sons do órgão e achava que ele próprio se tornara uma pessoa nova e melhor; não se sentia indigno de entrar no santuário seguinte, que mostrava um pobre quarto de sótão com uma mãe doente. Pela janela aberta, porém, brilhava o sol quente de Deus; belas rosas meneavam da pequena caixa de madeira no telhado, e dois pássaros azul-celeste cantavam a alegria infantil, enquanto a mãe doente pedia bênçãos sobre a filha.

Agora ele se arrastava de mãos e pés por um açougue abarrotado; só encontrava carne e mais carne. Era o coração de um homem rico e respeitável, cujo nome certamente devia constar do guia de endereços.

Estava agora no coração da esposa dele: era um velho pombal em ruínas. O retrato do marido servia de cata-vento, ligado às portas, que assim se abriam e fechavam logo que o homem mudava de direção.

Depois entrou num gabinete de espelhos, como o que temos no Castelo de Rosenborg, mas os espelhos ampliavam de modo incrível. No meio do chão estava sentado, como um dalai-lama, o eu descortês daquela pessoa, espantado ao ver a própria grandeza.

Em seguida pensou estar num estreito estojo de agulhas, cheio de agulhas pontiagudas. “Com certeza é o coração de uma velha solteirona!”, teve de

pensar. Mas não era: pertencia a um militar muito jovem, com várias condecorações, justamente, como diziam, um homem de espírito e coração.

O pecador do voluntário saiu inteiramente atordoado do último coração da fileira. Não conseguia ordenar os pensamentos, mas achava que sua imaginação forte demais o tinha arrebatado.

"Meu Deus", suspirou, "com certeza tenho princípio de loucura! Também está imperdoavelmente quente aqui dentro! O sangue me sobe à cabeça!" Lembrou-se então do grande acontecimento da noite anterior: como sua cabeça ficara presa entre as barras de ferro do hospital. "Foi ali que peguei isso, com certeza!", pensou. "Preciso cuidar disso a tempo. Um banho russo poderia fazer bem. Quem me dera já estar deitado na prateleira mais alta!"

E lá estava deitado na prateleira mais alta do banho a vapor; mas estava com todas as roupas, as botas e as galochas nos pés. As gotas de água quente do teto pingavam em seu rosto.

"Ui!", gritou, e correu para baixo para tomar um banho de ducha. O atendente também deu um grito alto ao ver aquele homem vestido ali dentro.

O voluntário teve, no entanto, presença de espírito suficiente para lhe cochichar: "É uma aposta!" Mas a primeira coisa que fez ao chegar ao próprio quarto foi pôr um grande emplastro de cantáridas na nuca e outro ao longo das costas, para que a loucura saísse.

Na manhã seguinte estava com as costas ensanguentadas. Foi isso que ganhou com as galochas da Fortuna.

V. A transformação do copista.

O vigia, de quem certamente não nos esquecemos, lembrou-se das galochas que encontrara e levara consigo ao hospital. Foi buscá-las, mas, como nem o tenente nem qualquer outra pessoa da rua as reconheceu como suas, foram entregues à delegacia.

“Parecem as minhas próprias galochas!”, disse um dos senhores copistas, examinando o achado e colocando-o ao lado das suas. “É preciso mais que o olho de um sapateiro para distinguir umas das outras!”

“Senhor copista!”, disse um agente que entrou com alguns papéis.

O copista se virou e conversou com o homem. Mas, terminada a conversa, quando olhou para as galochas, ficou muito confuso: seriam suas as da esquerda ou as da direita? “Devem ser as molhadas!”, pensou. Foi um pensamento bem infeliz, pois aquelas eram as da Fortuna. Mas por que a polícia também não poderia errar? Ele as calçou, meteu seus papéis no bolso e alguns manuscritos debaixo do braço — em casa precisaria lê-los e fazer minutas. Mas era domingo de manhã e fazia bom tempo. Um passeio até Frederiksberg, pensou, poderia me fazer bem! E foi para lá.

Ninguém podia ser mais tranquilo e correto que aquele rapaz. Bem lhe desejamos esse pequeno passeio, que certamente lhe faria muito bem depois de tanto tempo sentado. No começo andava apenas como alguém que vegeta, e por isso as galochas não tiveram ocasião de mostrar seu poder mágico.

Na alameda encontrou um conhecido, um de nossos poetas mais jovens, que lhe contou que começaria sua viagem de verão no dia seguinte.

“Então já vai partir de novo!”, disse o copista. “O senhor é mesmo uma pessoa feliz e livre. Pode voar para onde quiser; nós outros temos uma corrente na perna!”

“Mas ela está presa à árvore-do-pão!”, respondeu o poeta. “O senhor não precisa se preocupar com o dia de amanhã e, quando envelhecer, terá uma pensão!”

“Mesmo assim, o senhor está em melhor situação!”, disse o copista. “Ficar sentado compondo versos é um prazer! O mundo inteiro lhe diz coisas agradáveis, e o senhor é seu próprio dono! Devia experimentar ficar no tribunal com aqueles processos triviais!”

O poeta sacudiu a cabeça, o copista também sacudiu a cabeça; cada qual conservou sua opinião, e eles se separaram.

“É uma espécie muito particular de gente, esses poetas!”, disse o copista. “Eu bem gostaria de experimentar entrar numa natureza dessas, tornar-me eu mesmo poeta. Tenho certeza de que não escreveria aqueles versos lamurientos dos outros! É mesmo um dia de primavera para um poeta! O ar está tão extraordinariamente claro, as nuvens tão bonitas, e há um perfume na vegetação! Sim, há muitos anos não sentia o que sinto neste instante.”

Já percebemos que se tornou poeta. Na maioria dos casos, indicar isso seria o que o alemão chama de “abgeschmackt”: é uma ideia tola imaginar um poeta diferente das outras pessoas, pois entre elas pode haver naturezas muito mais poéticas que as de muitos grandes poetas reconhecidos. A diferença é apenas que o poeta tem uma memória espiritual melhor: consegue reter a ideia e o sentimento até que se corporifiquem clara e nitidamente na palavra, o que os outros não conseguem. Mas passar de uma natureza comum a uma dotada de

talento é sempre uma transição, e por isso ela precisa se tornar visível no copista.

"Que perfume delicioso!", disse. "Como me lembra as violetas da tia Lone! Sim, foi quando eu era menino! Meu Deus, há tanto tempo não pensava nisso! A boa velhinha! Morava ali atrás da Bolsa. Sempre tinha um ramo ou dois brotos verdes na água, por mais rigoroso que fosse o inverno. As violetas perfumavam enquanto eu punha moedas de cobre aquecidas na vidraça congelada e fazia pequenos orifícios para olhar. Era uma bela perspectiva. Lá fora, no canal, os navios estavam presos no gelo, abandonados por toda a tripulação; uma gralha gritando era a tripulação inteira. Mas, quando soprava a primavera, começava a atividade: entre cantos e vivas, serravam o gelo, alcatroavam os navios e aparelhavam-nos; depois eles partiam para terras estrangeiras. Eu fiquei aqui e terei de ficar sempre, sempre sentado na delegacia vendo os outros tirarem passaporte para viajar ao estrangeiro: é o meu destino! Oh, sim!", suspirou fundo, mas de repente parou. "Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Nunca pensei nem senti assim! Deve ser o ar da primavera! É inquietante e agradável ao mesmo tempo!" Procurou no bolso seus papéis. "Estes vão me dar outra coisa em que pensar!", disse, passando os olhos pela primeira folha. "A senhora Sigbrith, tragédia original em cinco atos", leu. "O que é isto? E é a minha própria letra. Escrevi essa tragédia? A intriga nas muralhas ou o Grande Dia de Oração, vaudeville. Mas de onde tirei isso? Devem ter posto no meu bolso; há uma carta?" Sim, era da direção do teatro. As peças tinham sido rejeitadas, e a própria carta não era nada delicada. "Hum! Hum!", disse o copista, sentando-se num banco. Seu pensamento estava tão elástico, seu coração tão brando! Sem querer, pegou uma das flores mais próximas, uma simples margaridinha. O que o botânico só nos diz ao longo de muitas aulas, ela anunciou num minuto: contou o mito do seu nascimento e a força da luz do sol, que abria suas delicadas pétalas e as

obrigava a perfumar. Ele pensou então nas lutas da vida, que despertam do mesmo modo os sentimentos em nosso peito. O ar e a luz eram os pretendentes da flor, mas a luz era a favorecida; para a luz ela se inclinava e, quando esta desaparecia, enrolava as pétalas e adormecia no abraço do ar. “É a luz que me enfeita!”, dizia a flor. “Mas é o ar que te deixa respirar!”, cochichava a voz do poeta.

Perto dali, um menino batia com sua bengala numa vala enlameada. As gotas d’água espirravam entre os ramos verdes, e o copista pensou nos milhões de infusórios que, dentro das gotas, eram lançados a uma altura que, em proporção ao seu tamanho, seria para eles como seria para nós sermos arremessados muito acima da linha das nuvens. Pensando nisso e em toda a transformação que lhe acontecera, sorriu: “Estou dormindo e sonhando!” Ainda assim, era extraordinário sonhar de maneira tão natural e saber que era apenas um sonho. Quem me dera lembrar-me disso amanhã, quando acordar! Agora pareço estar numa disposição extraordinária! Vejo tudo com clareza e me sinto tão desperto, mas tenho certeza de que, se amanhã me lembrar de alguma coisa, será um disparate; já experimentei isso antes! Tudo o que ouvimos e dizemos de sábio e magnífico nos sonhos é como o ouro dos seres subterrâneos: quando o recebemos, é rico e esplêndido; visto à luz do dia, só pedras e folhas secas. “Ah”, suspirou melancolicamente, olhando os pássaros cantores que saltavam tão contentes de ramo em ramo. “Eles estão muito melhor do que eu! Voar é uma bela arte; feliz quem nasceu com ela! Sim, se eu tivesse de me transformar em alguma coisa, seria numa pequena cotovia dessas!”

No mesmo instante, as abas da casaca e as mangas se juntaram em asas; as roupas viraram penas, e as galochas, garras. Ele percebeu muito bem e riu por dentro: “Pronto, agora vejo que estou sonhando! Mas nunca sonhei de maneira tão disparatada!” E voou para os ramos verdes e cantou, mas não

havia poesia no canto, pois a natureza de poeta desaparecera. As galochas, como qualquer pessoa que faz algo direito, só podiam fazer uma coisa de cada vez: ele quisera ser poeta e o fora; agora queria ser um passarinho, mas, ao se tornar um, perdera a qualidade anterior.

“É bem divertido”, disse. “Durante o dia fico na delegacia entre os documentos mais sérios; à noite posso sonhar que voo como cotovia nos jardins de Frederiksberg. Por Deus, daria para escrever toda uma comédia popular sobre isso!”

Desceu então voando até a relva, virou a cabeça para todos os lados e bicou as flexíveis folhas de grama que, para o seu tamanho de agora, pareciam grandes como as palmas do norte da África.

Num instante ficou noite negra ao redor. Um objeto que lhe pareceu imenso fora lançado sobre ele: era um grande boné que um menino de Nyboder jogara sobre o pássaro. Uma mão entrou e agarrou o copista pelas costas e pelas asas, fazendo-o piar. No primeiro susto, gritou alto: “Seu moleque atrevido! Sou copista da delegacia!” Mas, para o menino, aquilo soou como um pipipi. Ele bateu no bico do pássaro e foi embora.

Na alameda encontrou dois escolares da classe instruída — isto é, considerados como pessoas, pois de espírito estavam na classe mais baixa da escola. Compraram o pássaro por oito skillings, e assim o copista chegou a Copenhague, à casa de uma família na Gothersgaden.

“Ainda bem que estou sonhando!”, disse o copista. “Senão, por Deus, eu ficaria zangado! Primeiro fui poeta, agora sou cotovia! Foi mesmo a natureza de poeta que me transformou neste bichinho! Mas é uma coisa lamentável, sobretudo quando se cai nas mãos de uns meninos. Gostaria de saber como isso vai acabar!”

Os meninos o levaram a uma sala muito elegante. Uma senhora gorda e risonha os recebeu, mas não ficou nada satisfeita com a entrada daquela simples ave do campo, como chamava a cotovia. Por aquele dia, porém, deixaria passar, e eles poderiam pô-la na gaiola vazia junto à janela. “Talvez divirta Poppedreng!”, acrescentou, sorrindo para um grande papagaio verde que balançava com distinção no aro de sua magnífica gaiola de latão. “É aniversário de Poppedreng!”, disse com uma ingenuidade tola. “Por isso a pequena ave do campo veio dar os parabéns!”

Poppedreng não respondeu uma palavra; apenas se balançou com distinção para a frente e para trás. Já um belo canário, trazido no verão anterior de sua terra quente e perfumada, começou a cantar alto.

“Gritão!”, disse a senhora, jogando um lenço branco sobre a gaiola.

“Piu-piu!”, suspirou ele. “Que terrível nevasca!” E com esse suspiro se calou.

O copista, ou, como dizia a senhora, a ave do campo, ficou numa gaiolinha bem junto ao canário, não longe do papagaio. A única tirada humana que Poppedreng sabia balbuciar, e que muitas vezes tinha um efeito cômico, era esta: “Não, vamos agora ser gente!” Tudo o mais que gritava era tão incompreensível quanto os gorjeios do canário, mas não para o copista, que agora era pássaro e entendia muito bem os companheiros.

“Eu voava sob a palmeira verde e a amendoeira em flor!”, cantou o canário. “Voava com meus irmãos e irmãs sobre as flores magníficas e o lago claro como vidro, onde as plantas meneavam no fundo. Também vi muitos papagaios belos que contavam as histórias mais divertidas, tão longas e tantas!”

“Eram aves selvagens”, respondeu o papagaio. “Não tinham cultura. Não, vamos agora ser gente! Por que não ris? Se a senhora e todas as visitas podem rir disso, tu também podes. É uma grande falha não saber apreciar o que é divertido. Não, vamos agora ser gente!”

“Oh, lembras das belas moças que dançavam debaixo da tenda estendida, junto às árvores em flor? Lembras dos frutos doces e da seiva refrescante das plantas que cresciam selvagens?”

“Oh, sim!”, disse o papagaio. “Mas aqui estou muito melhor! Tenho boa comida e um tratamento íntimo; sei que sou uma boa cabeça e não peço mais. Vamos agora ser gente! Tu és uma alma de poeta, como chamam; eu tenho conhecimentos sólidos e espírito. Tu tens esse gênio, mas nenhuma sensatez: perdes-te nesses altos sons da natureza, e por isso te cobrem. Comigo não fazem isso, não, porque lhes custei um pouco mais! Imponho-me com o bico e sei lançar um ‘Witz’: não, vamos agora ser gente!”

“Oh, minha terra quente e florida!”, cantou o canário. “Quero cantar tuas árvores verde-escuras, tuas baías tranquilas onde os ramos beijam a superfície clara da água; cantar a alegria de todos os meus brilhantes irmãos e irmãs, onde crescem as ‘fontes vegetais do deserto’!” *)

*) Cactos.

“Deixa esses tons elegíacos!”, disse o papagaio. “Diz alguma coisa de que se possa rir! O riso é sinal da mais alta posição espiritual. Vê se um cão ou um cavalo sabe rir! Chorar sabe, mas rir só foi dado às pessoas. Ho, ho, ho!”, riu Poppedreng, acrescentando sua piada: “Vamos agora ser gente.”

“Tu, passarinho cinzento da Dinamarca”, disse o canário, “também foste aprisionado! Deve fazer frio em tuas florestas, mas lá há liberdade; voa para fora! Esqueceram-se de te fechar; a janela de cima está aberta. Voa, voa!”

Instintivamente o copista obedeceu e saiu da gaiola. Naquele instante rangeu a porta entreaberta do quarto ao lado e, ágil, com os olhos verdes e brilhantes, o gato da casa entrou sorrateiro e começou a caçá-lo. O canário esvoaçava na gaiola; o papagaio batia as asas e gritava: “Vamos agora ser gente!” O copista sentiu um medo mortal e voou pela janela, por cima de casas e ruas; por fim precisou descansar um pouco.

A casa em frente tinha algo de familiar. Havia uma janela aberta; ele entrou voando. Era o seu próprio quarto, e pousou sobre a mesa.

“Vamos agora ser gente!”, disse sem querer, repetindo o papagaio. No mesmo instante voltou a ser o copista, mas estava sentado em cima da mesa.

“Deus nos livre!”, disse. “Como vim parar aqui em cima e adormeci assim! E que sonho agitado tive! Essa história inteira foi uma grande tolice!”

VI. O melhor que as galochas trouxeram.

Na manhã seguinte, bem cedo, quando o copista ainda estava deitado, bateram à sua porta. Era o vizinho do mesmo andar, um jovem teólogo, que entrou.

“Empreste-me suas galochas”, disse. “O jardim está tão molhado, mas o sol brilha maravilhosamente; eu bem gostaria de fumar um cachimbo lá embaixo.”

Calçou as galochas e logo estava no jardim, que possuía uma ameixeira e uma pereira. Mesmo um jardim tão pequeno era considerado uma grande maravilha dentro de Copenhague.

O teólogo andava de um lado para o outro no caminho. Eram apenas seis horas; da rua vinha o som de uma trompa de correio.

"Oh, viajar! Viajar!", exclamou. "É a maior felicidade do mundo! É o objetivo mais alto dos meus desejos! Então esta inquietação que sinto se acalmaria. Mas teria de ser para bem longe! Queria ver a magnífica Suíça, viajar pela Itália e —"

Sim, foi bom as galochas fazerem efeito imediatamente; do contrário, ele teria viajado demais, tanto para si como para nós outros. Viajou. Estava no meio da Suíça, mas apertado com outras oito pessoas no fundo de uma diligência. Doía-lhe a cabeça, sentia a nuca cansada, e o sangue lhe descera às pernas, que, inchadas, eram comprimidas pelas botas. Oscilava entre o sono e a vigília. No bolso direito tinha a carta de crédito; no esquerdo, o passaporte; e numa pequena bolsa de couro sobre o peito, alguns luíses de ouro costurados. Cada sonho anunciava a perda de um desses tesouros, e por isso despertava num sobressalto febril. O primeiro movimento da mão descrevia um triângulo, da direita para a esquerda e para cima, até o peito, para sentir se ainda os tinha. Guarda-chuvas, bengalas e chapéus balançavam na rede lá em cima e atrapalhavam bastante a vista, que era impressionante. Ele a espiava enquanto o coração cantava o que ao menos um poeta nosso conhecido cantara na Suíça, mas ainda não mandara imprimir:

Sim, aqui é tão belo quanto o coração deseja,
Distingo o Mont Blanc, minha querida.
Se ao menos o dinheiro fosse suficiente,
Ah, como seria bom estar aqui!

Toda a natureza ao redor era grandiosa, séria e escura. As florestas de abetos pareciam tufos de urze nas altas rochas, cujos cumes se escondiam na névoa das nuvens. Começou a nevar; soprava o vento frio.

"Ui!", suspirou. "Quem me dera estarmos do outro lado dos Alpes; lá seria verão, e eu já teria sacado dinheiro com minha carta de crédito. O medo que tenho por esse dinheiro não me deixa aproveitar a Suíça. Oh, quem me dera estar do outro lado!"

E estava do outro lado: bem no interior da Itália, entre Florença e Roma. O lago Trasimeno brilhava à luz da tarde como ouro em chamas entre as montanhas azul-escuras. Ali, onde Aníbal derrotara Flamínio, as videiras agora se seguravam pacificamente pelos dedos verdes; belas crianças seminuas guardavam um rebanho de porcos negros como carvão, sob um grupo de loureiros perfumados à beira da estrada. Se pudéssemos reproduzir bem esse quadro, todos exclamariam: "Bela Itália!" Mas não foi isso que disseram o teólogo nem um único dos companheiros de viagem na carruagem do vetturino.

Moscas venenosas e mosquitos entravam aos milhares. Em vão se agitavam com um ramo de murta: as moscas picavam assim mesmo. Não havia uma pessoa na carruagem cujo rosto não estivesse inchado e ensanguentado pelas picadas. Os pobres cavalos pareciam carcaças; as moscas se acumulavam sobre eles em grandes massas, e só por um instante adiantava o cocheiro descer e raspá-las dos animais. O sol se pôs; um frio breve, mas glacial, atravessou toda

a natureza, como o ar gelado de uma sepultura abobadada num dia quente de verão. Ao redor, porém, montanhas e nuvens assumiam aquele estranho tom verde que encontramos em algumas pinturas antigas e que, sem termos vivido tal jogo de cores no sul, consideramos antinatural. Era um espetáculo magnífico, mas o estômago estava vazio, o corpo cansado, e todo o desejo do coração se voltava para um pouso noturno. Como seria ele? Procuravam-no com muito mais interesse que à bela natureza.

A estrada atravessava um olival; era como viajar em casa entre salgueiros nodosos. Ali ficava a estalagem solitária. Uns dez mendigos aleijados tinham se instalado do lado de fora. O mais vigoroso parecia, para usar uma expressão de Marryat, "o filho mais velho da Fome, que atingira a maioridade"; *) os outros eram cegos, ou tinham pernas atrofiadas e se arrastavam com as mãos, ou braços mirrados com mãos sem dedos. Era a própria miséria saindo dos andrajos. "Eccellenza, miserabili!", suspiravam, estendendo os membros doentes. A própria estalajadeira, de pés descalços, cabelos despenteados e vestida apenas com uma blusa suja, recebeu os hóspedes. As portas estavam amarradas com barbante; o chão dos quartos parecia um calçamento de tijolos meio revolvido. Morcegos voavam sob o teto, e o fedor ali dentro — —

*) Snarleyyaw.

"Bem, poderia pôr a mesa no estábulo!", disse um dos viajantes. "Lá ao menos sabemos o que estamos respirando!"

Abriram as janelas para entrar um pouco de ar fresco; mas, mais depressa que o ar, entraram os braços atrofiados e o eterno lamento: miserabili, Eccellenza! Nas paredes havia muitas inscrições, metade delas contra a bella Italia!

Trouxeram a comida: uma sopa de água temperada com pimenta e óleo rançoso. Este último também desempenhava o papel principal na salada. Ovos

estragados e cristas de galo fritas eram os pratos de gala. Até o vinho tinha gosto ruim: era uma verdadeira mistura de botica.

À noite puseram as malas diante da porta; um dos viajantes ficaria de guarda enquanto os outros dormiam. O teólogo era o encarregado. Oh, como era abafado ali dentro! O calor oprimia, os mosquitos zumbiam e picavam; lá fora, os miserabili se queixavam dormindo.

"Sim, viajar é muito bom!", suspirou o teólogo. "Se ao menos não tivéssemos corpo! Se ele pudesse descansar e o espírito, em vez disso, voar. Onde quer que eu chegue, há uma falta que pesa no coração; quero algo melhor do que o momento presente, sim, algo melhor, o melhor! Mas onde está e o que é? No fundo, sei bem o que quero: quero chegar a um destino feliz, ao mais feliz de todos!"

Assim que pronunciou as palavras, estava em casa. As longas cortinas brancas pendiam diante da janela e, no meio do chão, havia um caixão negro. Nele estava deitado em seu tranquilo sono de morte. Seu desejo fora atendido: o corpo descansava, o espírito viajava. Não chames ninguém de feliz antes que esteja em sua sepultura, dissera Sólon; ali se renovava a confirmação.

Todo cadáver é a esfinge da imortalidade. Tampouco a esfinge sobre aquele sarcófago negro respondeu, para nós, ao que o homem vivo escrevera dois dias antes:

Poderosa Morte, teu silêncio desperta horror;
Teu rastro são apenas as sepulturas do cemitério.
Há de se quebrar a escada de Jacó do pensamento?
Só me erguerei como relva no jardim da Morte?

Muitas vezes o mundo não vê nosso maior sofrimento!
Tu, que estiveste só até o último instante,
Muita coisa no mundo pesa mais sobre o coração
Que a terra que lançam sobre o teu caixão!

Duas figuras se moviam no quarto; conhecemos ambas: eram a fada da Tristeza e a emissária da Fortuna. Inclinaram-se sobre o morto.

“Está vendo?”, disse a Tristeza. “Que felicidade suas galochas trouxeram à humanidade?”

“Ao menos trouxeram um bem duradouro àquele que repousa aqui!”, respondeu a Alegria.

“Oh, não!”, disse a Tristeza. “Ele se foi por si mesmo, não foi chamado! Sua força espiritual aqui não era suficiente para alcançar os tesouros de lá, que, segundo o seu destino, precisa alcançar! Vou lhe fazer um benefício!”

E tirou as galochas dos pés dele. O sono de morte terminou, e o homem reanimado se levantou. A Tristeza desapareceu, mas as galochas também; ela certamente as considerou sua propriedade.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-galochas-da-fortuna